

SISTEMAS TERRITORIAIS EM CIDADES DA AMAZÔNIA E O PATRIMÔNIO TERRITORIAL: A MICRORREGIÃO DE PARINTINS (AM)

Estevan Bartoli

Universidade do Estado do Amazonas, Campus Parintins

Parintins, Amazonas, Brasil

E-mail: ebartoli11@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1238-3187>

Recebido em 27/03/2023. Aprovado em 20/04/2023.
DOI: [dx.doi.org/10.5380/guaju.v9i0.90482](https://doi.org/10.5380/guaju.v9i0.90482)

Resumo

Apresenta-se a proposta metodológica sobre o modelo STUR (Sistema Territorial Urbano-Ribeirinho), que aborda a densidade de relações territoriais de redes de sujeitos em cidades amazônicas com análise multidimensional e transescalar. Comtempa-se as dinâmicas ribeirinhas e fluviais das redes de sujeitos pertencentes à economia popular informal e suas interações com frações do capital mercantil e demais escalas da rede urbana. Os resultados permitem melhor apreensão do processo urbano na Amazônia demonstrando: a existência de um padrão espacial de influência das cidades no contexto sub-regional de Parintins (AM); novas centralidades; intensificação dos fluxos entre a cidade e interiores e a caracterização laboral multifuncional da economia popular. Esses fatores afetam a morfologia das cidades, com ocorrência de conflitos, disputas e tensões territoriais. Conclui-se, elencando lacunas investigativas a serem aprofundadas, que devem ser priorizados estudos sobre o Patrimônio Territorial em regiões periféricas de baixa dinâmica econômica.

Palavras-chave: Sistemas Territoriais; cidades; Amazônia; Patrimônio Territorial.



TERRITORIAL SYSTEMS IN CITIES OF THE AMAZON AND THE TERRITORIAL HERITAGE: THE MICRO-REGION OF PARINTINS (AM)

Abstract

A methodological proposal for STUR model (Urban-Ribeirinho Territorial System) is presented, which investigates the density of territorial relations of subject networks in Amazonian cities with a multidimensional and transscalar analysis. The riverside and fluvial dynamics of networks of subjects belonging to the informal popular economy and their interactions with fractions of mercantile capital and other scales of the urban network are contemplated. The results allow a better understanding of the urban process in the Amazon, demonstrating: the existence of a spatial pattern of influence of cities in the subregional context of Parintins (AM), new centralities, intensification of flows between the city and the interior and the multifunctional labor characterization of the popular economy. These factors affect the morphology of cities, with the occurrence of conflicts, disputes and territorial tensions. In conclusion, research gaps to be deepened are listed, which should be prioritized in studies on Territorial Heritage in peripheral regions with low economic dynamism. .

Keywords: Territorial Systems; cities; Amazon; Territorial Heritage.

Introdução

O presente artigo objetiva apresentar avanços teórico-metodológicos recentes para análise do fenômeno urbano na Amazônia, mais particularmente na microrregião de Parintins que apresenta particular estruturação territorial histórica e relacional embasada nos transportes e dinâmicas fluviais, que condicionam as situações das cidades e das principais redes de sujeitos que as compõem.

O modelo de análise STUR (Sistema Territorial Urbano-Ribeirinho) propõe estudo da densidade de relações territoriais que as cidades possuem tanto em sua estruturação interna como com as redes estabelecidas com seus entornos. Apresenta-se a proposta metodológica sobre setores populares situados em cidades de dinâmicas ribeirinhas e fluviais. A partir das dinâmicas de diversas redes de sujeitos pertencentes à economia popular informal, utiliza-se análise multidimensional e transescalar para compreensão e descrição das vertentes que compõem o modelo. A análise do STUR requer entendimento de sua interação com frações do capital mercantil dominantes nas cidades que interagem com outras escalas na rede urbana permitindo melhor apreensão do processo urbano na Amazônia.

Os resultados e discussões são relativos ao projeto intitulado Patrimônio Territorial, Sistemas Territoriais e os Papéis das Cidades para o Desenvolvimento Territorial de Parintins (AM) e sub-região¹. Além de apresentar características gerais dos municípios, se evidencia o funcionamento dos circuitos realizados por transporte fluvial/ribeirinho de setores populares que são “impulsionados” gerando “forças” centrífugas e centrípetas. Tais forças partem das cidades para interiores na distribuição de produtos industrializados, e retornam dos interiores com produtos variados visando acesso a serviços urbanos e mercados. Os resultados demonstram ainda a existência de um padrão espacial de influência das cidades no contexto sub-regional (com intensa dinâmica ribeirinha e fluvial)², estruturado por sistemas territoriais populares em interação com sistemas territoriais mercantis e demais escalas na rede.

1 Financiamento concedido através de Bolsa Produtividade da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) intitulado: Patrimônio Territorial, Sistemas Territoriais e os papéis das cidades para o desenvolvimento Territorial de Parintins (AM) e sub-região.

2 O termo ribeirinho será usado para designar práticas espaciais e territorialidades associadas a populações interioranas (elemento simbólico-cultural ativo), com permanência de temporalidades ligadas à flexíveis e criativas estratégias dos populares hibridizadas e adaptadas ao meio urbano. O termo fluvial será utilizado indicando atividades de transporte com maior funcionalidade e uso de embarcações maiores que são relacionadas às atividades do capital mercantil e dos setores distribuidores de produtos das metrópoles regionais e cidades médias. Na maioria dos estudos, ribeirinho e fluvial acabam sobrepondo lógicas como demonstrado no modelo STUR.

As centralidades dos municípios e das comunidades conectadas e tais sistemas territoriais, são afetadas por novos tipos de transporte e intensificação das trocas. A caracterização laboral multifuncional também aparece como um dos aspectos centrais das territorialidades dos sujeitos que formam o STUR. Demonstra-se que intensificação do processo de urbanização se reproduz localmente pela interação STUR e o capital mercantil sub-regional (denominado adiante como Sistema Territorial Urbano-Fluvial - STUF), se manifestando na morfologia da cidade com ocorrência de conflitos, disputas e tensões territoriais.

Sistemas territoriais e o patrimônio territorial

Os procedimentos metodológicos seguem a proposta presente em Bartoli (2017; 2018a; 2018b), ao analisar a dinâmica territorial a partir do modelo Sistema Territorial Urbano-Ribeirinho (STUR) na microrregião de Parintins (AM), seguindo as etapas:

a) análise da classificação do relevo sub-regional, relacionando às localizações dos principais assentamentos humanos (rurais e urbanos);

b) levantamento de dados secundários relativos à densidade de ocupação do território em instituições diversas (secretarias municipais, instituto de desenvolvimento agrário do Amazonas, etc.);

c) realização de trabalhos de campo com objetivo de identificar e descrever as principais redes de sujeitos locais (economia popular e capital mercantil³ dominante).

d) aplicação de formulários semiestruturados e entrevistas a lideranças do setor pesqueiro, associações de produtores rurais e de comerciantes, para entendimento de como são tecidas as redes de interação entre o rural e o urbano e redes de cidades;

e) análise da expansão urbana e as consequências na configuração da morfologia;

f) uso de imagens de satélite e Drone para identificação de elementos na análise morfológica;

g) elaboração de mapas, tabelas, quadros auxiliando descrição do relevo municipal, sítio e morfologia urbana.

Os critérios de análise do modelo STUR. Em Bartoli (2020c) sintetizamos avanços metodológicos e discussão de resultados para interpretação do processo urbano na

3 Os detalhamentos sobre a composição e dinâmicas do capital mercantil na microrregião de Parintins foram feitos em outras publicações (BARTOLI, 2017; SILVA; BARTOLI, 2019).

Amazônia e em quais aspectos a proposta dos Sistemas Territoriais Urbano-Ribeirinhos (STUR) avança. O desenvolvimento do modelo STUR faz análise do “retorno ao território” de populações que migraram para cidades e que recentemente passam a reconstruir redes complementares através da interação com o milieu⁴ urbano. A análise exige entendimento da constante reterritorialização e novas mediações urbanas, que possibilitam coevolução das articulações territoriais transescalares (BARTOLI, 2017). Elenca-se elementos para reconduzir a interpretação do território a partir da cidade, que é cenário de coalizões, negociações, conflitos, articulações e redesenho dos projetos das redes de sujeitos. Populações indígenas e interioranas antes distanciadas da presença da cidade como recurso, do acesso a bens de consumo, educação, instituições, etc., hoje usufruem do meio urbano enquanto possibilidade de novas interações com ambientes rurais, comunidades, aldeias, vilas e distritos (BARTOLI, 2015; 2017).

O modelo analítico STUR propõe detalhar circuitos informais da economia popular inseridos em contexto específico de intensa relação com a fração local do capital mercantil. Considera-se o comportamento espacial de tais circuitos e as dinâmicas transescalares compondo complexas relações com a rede urbana regional, forte influência da metrópole Manaus em disputa com a rede urbana paraense, e escalas nacionais e globais.

Moldando espaços intraurbanos e realizando intensas trocas, deslocamentos e intercâmbios com as áreas de entorno, o papel mediador que o STUR abrange vertentes apresentadas em Bartoli (2017; 2018a; 2018b; 2020; 2022). Apresenta-se na figura 1 a interação e composição entre os sistemas Territoriais, num modelo geral cujas características variam a partir da situação⁵ de cada localidade e pela variedade das territorialidades que sujeitos constroem em subsistemas.

Pela aceleração do processo urbano cada vez mais o STUF influencia o STUR ocorrendo complementos, interpenetração e dependência deste devido à intensificação da demanda por recursos regionais e da agropecuária pela economia urbana. A propagação de modos de vida e consumo urbano também tem aumentado o poder

4 A noção de milieu é utilizada como 1) conjunto de condições favoráveis para ações; 2) contexto territorial usado como recurso; ou 3) o trâmite entre sujeitos e o ambiente;

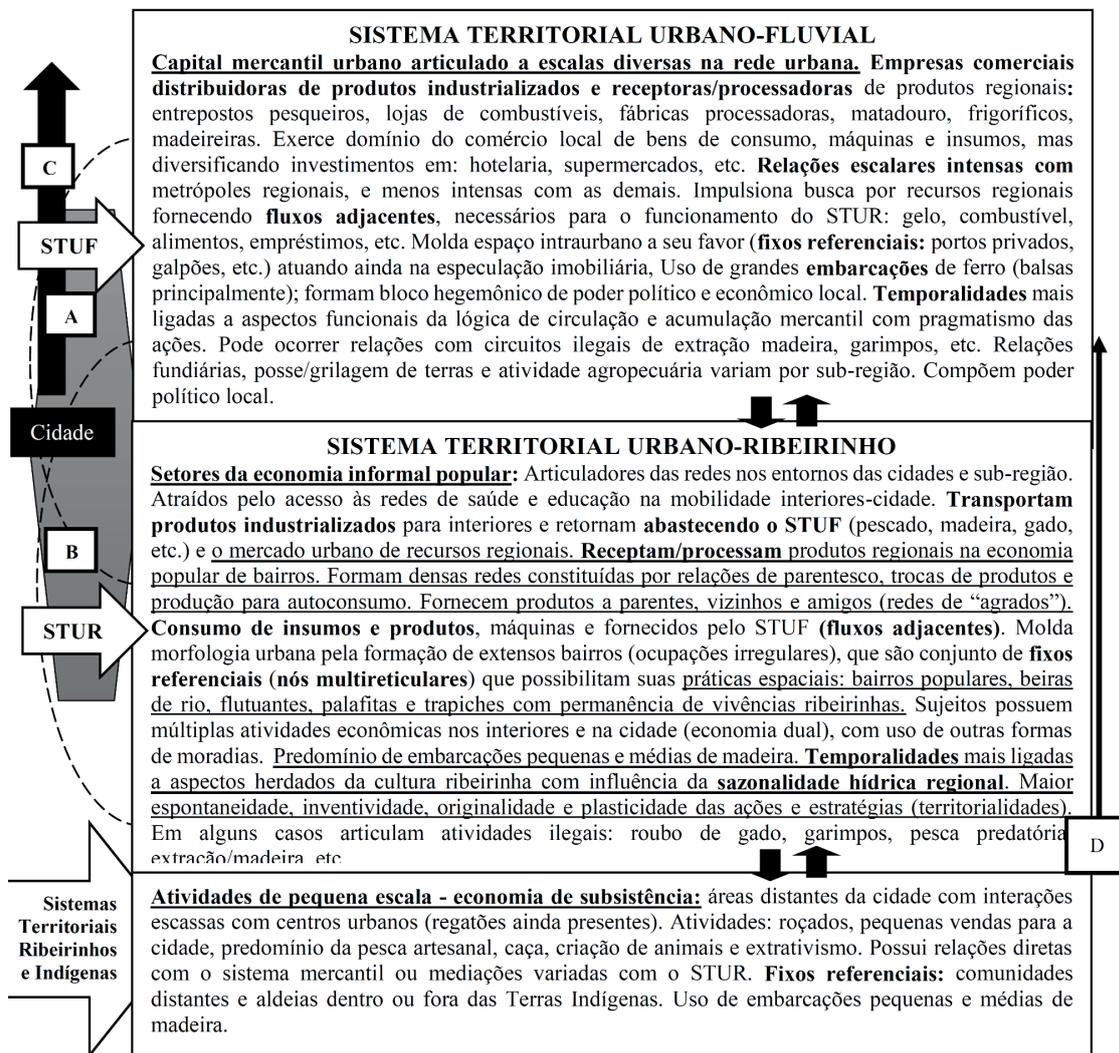
5 Por situação geográfica adota-se o sentido mais amplo advindo de obras clássicas como Pierre George (1983) que envolve elementos que tornam a posição um fator vantajoso, como a presença de eixos de circulação. Ao discutir como a noção de situação compõe a metodologia de pesquisa, Silveira (1999) aponta que “é resultado do impacto de um feixe de eventos sobre um lugar e contém existências materiais e organizacionais. Inovações técnicas e novas ações de empresas de força diversa, dos vários segmentos do estado, de grupos e corporações difundem-se num pedaço do planeta, modificando o dinamismo preexistente e criando uma nova organização das variáveis.” (p.25)

do capital mercantil, mas que começa a receber concorrências devido à aceleração do comércio online. No quadrante relativo ao STUR da figura 1, os elementos grifados são interpretados enquanto Patrimônios Territoriais.

A participação junto ao Projeto de Pesquisa O patrimônio territorial como referência no processo de desenvolvimento de territórios ou regiões (ProPAT)⁶ a partir de 2021, tem percorrido o esforço de propor e validar um instrumental metodológico mais adequado à perspectiva territorial de análise. A finalidade é contribuir na elaboração de diagnósticos territoriais que favoreçam a prospecção de alternativas inovadoras e sustentáveis de desenvolvimento (tendo o patrimônio territorial como referência).

6 Projeto de pesquisa coordenado pelo professor Valdir Roque Dallabrida, professor visitante da Universidade Federal do Paraná (UFPR), referente à bolsa produtividade em pesquisa (CNPQ). Paralelamente, no âmbito da UFPR/PPGDTS está em execução o projeto O patrimônio territorial como referência no processo de desenvolvimento de territórios ou regiões: pressupostos epistêmico-teóricos e proposta de instrumental metodológico.

Figura 1: Interações entre sistemas territoriais mediadores da influência urbana



Fonte: Bartoli (2022) adaptado

Legenda:

A - Tensões e conflitos: produção do espaço urbano. B - Hibridização: elaboração de soluções criativas, artesanais e adaptações técnicas em instrumentos de trabalho, moradias, tipos de embarcações, circuitos de circulação fluvial e outras formas e práticas espaciais. C – Saltos escalares diversos, associado tanto ao capital mercantil, como da economia popular na formação de redes urbanas. D - Extração de recursos regionais (garimpos, madeira, até mesmo areia e seixo para construção civil) sem processamento local, mantendo sujeitos populares que abastecem os fluxos em grau elevado grau de territorialidade passiva.

Compreendido como o conjunto de ativos e recursos, materiais e imateriais, que se acumularam ao longo da história num determinado território, o patrimônio territorial (PaT) é resultante de processos históricos de construção e reconstrução socioeconômica, cultural e na relação com o entorno ambiental (DALLABRIDA, 2020). Segundo o ProPAT, as análises das dimensões (produtiva, cultural, institucional, natural, social e humano-intelectual) devem

estar em consonância com a base epistêmica, cuja base teórica é sustentada em quatro categorias conceituais: território, governança, patrimônio e desenvolvimento territorial.

Em Büttenbender et al. (2022) se reconhece as variáveis e componentes da dimensão produtiva que contribuem na estruturação de um instrumental metodológico que oportunize gerar cenários, políticas públicas e prioridades na promoção do desenvolvimento territorial. O texto versa sobre aspectos teóricos onde o diagnóstico tem seu foco na caracterização socioeconômico-cultural e ambiental. A análise propõe detectar as forças, oportunidades, fraquezas e ameaças, enquanto a prospecção territorial, avaliando as alternativas de futuro de um determinado recorte territorial, seja este um território, uma região ou um município.

Visando contribuir com a complexa metodologia do ProPAT para análise de realidades periféricas e regiões de baixo dinamismo econômico e suas concepções coevolutivas, aprofunda-se estudos sobre diversos subsistemas territoriais da microrregião de Parintins visando caracterizá-los como patrimônios territoriais. Na construção da base conceitual e metodológica, considera-se que os elementos que compõem os sistemas territoriais são entendidos como produtos do processo de coevolução e interação de longa duração entre relações sociais e ambiente (MAGNAGHI, 2010), mediados e consolidados do trabalho e da informação (RAFFESTIN, 1993). Considera ainda que frações do território estão sob intensa pressão hegemônica da unicidade das técnicas e suas intencionalidades (SANTOS, 2003), onde redes de sujeitos desenvolvem territorialidades ativas ou passivas (DEMATTEIS; GOVERNA, 2005). Permeados de lógicas técnicas, científicas e informacionais exógenas consideradas como verticalidades, dimensionam variadas configurações de alienação territorial e alterações das horizontalidades (SANTOS; SILVEIRA, 2003). Os recortes analíticos são também permeados por expressões, processos e movimentos socioespaciais e socioterritoriais (FERNANDES, 2005; PEDON, 2009; SOBREIRO FILHO, 2016) que podem ser caracterizados como territorialidades contra-hegemônicas e espaços de resistência.

Pretende-se no último subitem realizar um balizamento acerca das variáveis, processos e indicadores a serem aprofundadas nos próximos estudos.

O modelo STUR aplicado ao Baixo Amazonas

Os papéis reduzidos das sedes municipais na divisão territorial do trabalho suscitam ocorrência da manutenção de vínculos territoriais por classes populares, reforçando o caráter processual e relacional do modelo analítico do STUR. A partir da análise de dados secundários

e trabalhos de campo (BARTOLI; PINHEIRO, 2022), constata-se que outras características são comuns entre os municípios da microrregião:

i) predomínio de repasses públicos na formação do PIB municipal; ii) predomínio do transporte fluvial na formação da rede urbana; iii) domínio da economia local (e geralmente domínio político) pela fração relativa ao capital mercantil reforçando funções comerciais desempenhadas pelas sedes enquanto lugares centrais; iv) formação de uma economia popular com dinâmica específica realizando complementações através das relações urbano-ribeirinhas (BARTOLI, 2022 c, p.24).

A insuficiente formação de receita/arrecadação dos municípios da microrregião de Parintins os tornam dependentes do setor público através de Transferências Federais e estaduais (BARTOLI, 2020 c).

Em 2019 a área de estudo foi ampliada no projeto Rede urbana, Tipologia de Cidades e Sistemas territoriais Urbano-ribeirinhos no Baixo Amazonas⁷, que deu sequência à proposta metodológica presente em Bartoli sobre o STUR (2017, 2018a, 2018b). Os resultados foram apresentados em publicações diversas (BARTOLI, 2019a; 2019b; 2020a; 2020b; 2020c; 2021a; 2021b; 2022; BARTOLI; PINHEIRO, 2022) que, em síntese, apontam características comuns entre os municípios estudados.

A primeira característica comum é relativa aos aspectos físicos sub-regionais (relevo e relação com cursos fluviais) dos principais rios navegáveis, que condicionam o tipo de uso do solo e a distribuição da população, concentrando a maior parte da circulação e dos aglomerados humanos (rurais e urbanos) na faixa dos entornos do rio Amazonas⁸. A dinâmica sazonal condiciona ainda as duas principais atividades econômicas fora das cidades: pesca e a pecuária de pequena escala. As calhas de rios condicionam formação da situação, onde os papéis na Divisão Territorial do Trabalho são estruturados também pelos tipos de circulação de dinâmicas fluviais e ribeirinhas. As comunidades situadas nos altos cursos dos rios são mais “fechadas” e voltadas para mediações e mercados das sedes municipais, possuindo baixa complexidade de funções produtivas e comerciais, mas apresentando variegada atividade extrativista, de caça, pesca e produção rural de subsistência.

7 Com bolsa produtividade concedida pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), aplicamos o modelo STUR em seis municípios do Baixo Amazonas entre janeiro de 2019 e dezembro de 2020, realizando adaptações na metodologia e novas constatações.

8 Para melhor entendimento do perfil e das dinâmicas da microrregião resumidos, será indicado aos leitores durante nossa explanação a consulta ao Atlas de Parintins (BARTOLI; PINHEIRO, 2022) que possui capítulos específicos sobre cada sessão.

As comunidades e distritos localizadas nas proximidades do principal afluente (rio Amazonas), são mais “abertas” e dinâmicas na relação com a rede urbana. Recebendo fluxos da metrópole Manaus a oeste e da rede urbana paraense a leste, a calha principal condiciona cidades como Barreirinha e Nhamundá a serem mais polarizadas por Parintins. Tanto sedes municipais como comunidades e distritos localizadas no rio Amazonas são os que mais cresceram nos últimos anos.

Quanto às características comuns dos espaços intraurbanos, sítios e morfologia urbana é necessário associar a discussão do sítio (base física em que se desenvolve o plano) à situação (relações com a rede, fluxos e centralidade, meio técnico, relações escalares, etc.). Isso requer entendimento de que as redes locais de sujeitos realizam disputas territoriais. Exemplo ocorre no controle das margens fluviais (privatizações das beiras de rio), inerentes ao processo de territorialização em que o capital mercantil tem sido preponderante. A privatização de beiras de rios e demais corpos hídricos se intensificou com a expansão dos planos urbanos, que são importantes pontos de conexão com as diversas redes “urbano-ribeirinhas”. Constata-se apropriação desigual das beiras, com não adequação das ruas, glebas e construções às nuances do relevo, onde a justaposição do plano não se complementa tecnicamente às necessidades locais de mobilidade por transporte fluvial (BARTOLI, 2018 b; MARQUES; BARTOLI, 2020; SILVA; BARTOLI, 2019; BARTOLI, 2020 d). A intensificação do processo de urbanização se reproduz localmente pela interação STUR e o capital mercantil, se manifestando na morfologia da cidade com ocorrência de conflitos, disputas e tensões territoriais.

Na maioria das cidades os espaços públicos das beiras não respondem às condições sazonais, causando disputas por atracagem de embarcações⁹. Indicam acessos e mobilidades reduzidos de classes populares às margens frontais das cidades pela privatização das beiras na formação de portos pertencentes ao capital mercantil. Em Parintins e Barreirinha a erosão fluvial e as terras caídas têm tornado ainda mais raras as margens fluviais em determinados trechos (BARTOLI; MARQUES, 2019; BARTOLI, 2020d). Quanto às características dos sítios urbanos, as condicionantes físicas estabelecem relações de limites de ocupação, como por exemplo em Nhamundá, que constitui-se de uma ilha de morfologia assimétrica no baixo curso do rio Nhamundá em formato de terraço fluvial. Geralmente as cheias transbordam e a água avança alguns metros sobre aglomerações de moradias palafíticas. Em Barreirinha e

9 No documentário Pescadores Urbanos apresenta-se resultado de um exercício de cartografia participante que evidenciou os conflitos por acessos de beiras de rios devido à intensa privatização. Acesse o Canal do Núcleo de Estudos Territoriais da Amazônia (NETAM): <https://www.youtube.com/watch?v=jQX6uTE3EUg&t=40s>

Parintins também ocorre limite expansivo dos planos urbanos e geram formação de extensos aglomerados de moradias populares de madeira em áreas de inundação.

Outra importante característica comum refere-se à atividade laboral multifuncional nos municípios, um dos aspectos centrais das territorialidades dos sujeitos que formam o STUR. Duas “forças” partindo das cidades para interiores e no sentido inverso, dialeticamente se impulsionam, compondo a maneira com que o STUR realiza sua circunscrição espacial. O movimento de populações que migram dos interiores na busca de melhorias de renda e acesso a serviços e mercados ofertados nas cidades (força centrípeta), induz novos contextos de inserção de sujeitos na cidade. Por ser incompleta, a economia urbana “impulsiona” novamente parte dos sujeitos aos interiores (força centrífuga), que retornam com uma série de produtos industrializados adquiridos nos comércios da cidade, configurando dinâmicas relativas ao processo da urbanização extensiva (MONTE-MÓR, 1994). A força centrífuga ocorre pela busca do complemento dual: através da demanda de produtos extrativos regionais ou produção rural e pecuária, a economia mercantil dominante influencia, financia, incentiva e de certa maneira “impulsiona” a economia popular do STUR usufruindo de seus saberes em navegar, coletar, pescar, etc.

As centralidades dos municípios e das comunidades conectadas e tais circuitos são afetadas por novos tipos de transporte e intensificação das trocas;

Lanchas de alumínio denominadas localmente como “expresso” ou “a jato” proliferaram reduzindo percursos dependendo da sazonalidade fluvial. As transformações nesse tipo de transporte afetam as centralidades tanto dos municípios como das comunidades conectadas nos trajetos. No quadro urbano sub-regional, as cidades pequenas do entorno de Parintins possuem centralidade baixa, limitando-se a atender demandas de seus entornos. Por seu caráter funcional mais local, atendem sua região imediata com alcance espacial “mínimo” considerando a escala municipal, mas influenciando comunidades longínquas das bacias hidrográficas que as estruturam.

A quinta característica comum refere-se às disputas territoriais entre pescadores e o capital mercantil, interpretados como conflitos entre STUR e STUF. Colônias de pescadores realizaram acordos de pesca junto ao IBAMA na implementação de controle contra pesca industrial predatória financiadas pelos frigoríficos que compõem o STUF, inclusive alguns localizados em cidades médias paraenses como Santarém.

Finalizando as características comuns, nota-se a perda de soberania alimentar com marcante presença de conserva, frango congelado, embutidos e diversos outros produtos

industrializados. A demanda urbana por esses tipos de alimentos vem alterando cada vez mais itens da dieta regional. Os fluxos de embarcações do STUR (força centrífuga) possibilitam a distribuição de produtos industrializados adquiridos nas cidades: eletrodomésticos, gasolina (para uso em embarcações, roçadeiras e motosserras), rancho (cesta básica), frios e estivas.

Por fim apresenta-se no quadro 1 os subsistemas mais significativos em cada município em Bartoli (2020 c), reinterpretados enquanto patrimônios territoriais e considerando as mediações que as redes de sujeitos realizam nas cidades, cujas diferenças de trajetórias históricas formam particularidades internas. Nas cidades afetadas por ações de grandes empresas como Maués e Uruará, ocorrem inexpressivas alterações em suas estruturas internas e complexidades econômicas, além de não corroborar com o desenvolvimento de complementaridades econômicas com a rede urbana. A influência de grandes empresas na produção do guaraná e na extração de calcário acaba não incentivando a criação de novas funções nas cidades para geração de novas divisões territoriais do trabalho.

Quadro 1 – Principais Subsistemas Territoriais compondo Patrimônios Territoriais na microrregião de Parintins

Município	Subsistemas Territoriais	Escalas/redes
Barreirinha	- ausência de especializações produtivas. - presença de 15 pequenas moveleiras	- venda pouco expressiva de móveis para Manaus
	- Estoque madeireiro vasto com intensa exploração de madeira / ausência de Planos de Manejo Florestal	- abastece STUR/STUF de Parintins
Boa Vista do Ramos	- ausência de especializações produtivas. - produção de mel com presença de cooperativa	- venda pouco expressiva para Manaus
Maués	- especialização produtiva: - 1º colocado na produção de guaraná estadual	- influência de transnacionais de bebidas no ordenamento territorial
	- presença de sistemas territoriais de circuitos ilegais: garimpos e drogas - Importante presença indígena da etnia Sateré-Mawé em múltiplas formas de territorializações.	- redes externas de poder, principalmente da metrópole Manaus influenciam usos do território

Nhamundá	<ul style="list-style-type: none"> - ausência de especializações produtivas. - pequena atividade pesqueira (presença de Colônia e sindicato de pescadores) 	-fortemente polarizada por Manaus, Parintins e pela rede paraense.
S. Sebastião do Uatumã	<ul style="list-style-type: none"> - especialização produtiva: - maior polo naval de embarcações de madeira do estado / presença de cooperativa de construtores em carpintaria naval 	- vendas para todo o estado do Amazonas
	<ul style="list-style-type: none"> - cooperativa de moveleiros 	- vendas para Manaus
Uruará	<ul style="list-style-type: none"> - 2º maior produtor de guaraná do estado 	- relações escalares externas com influência de grandes empresas transnacionais fabricantes de bebidas e mineradora
	<ul style="list-style-type: none"> - intensa atividade pesqueira (presença de Colônia e sindicato de pescadores) 	- abastece STUR/STUF de Parintins e vendas de menor quantidade para Maués e ocasionalmente Santarém (PA)
	<ul style="list-style-type: none"> - pequena produção de cacau 	- vendas para Manaus
	<ul style="list-style-type: none"> - produção mineral / extração de calcário dolomítico 	- Beneficiamento de minério no município de Manacapuru (AM).
Parintins	<ul style="list-style-type: none"> - Festival Folclórico de projeção regional/nacional. - consta com potencial polo de economia criativa com enorme quantidade de artistas, estúdios, escolas de arte e as agremiações dos bumbás. 	<ul style="list-style-type: none"> - enorme complexidade escalar e reticular: patrocínios de transnacionais (nacionais e estrangeiras); apoio governamental estadual intenso; disputas locais pelo controle político das agremiações; disputa de redes de poder pelo controle de vendas de ingressos, bebidas, direitos de imagem, etc.; espetacularização e mercantilização da cultura local; migração de artistas para todo o país para produções de carnavais e outras festividades. - aquecimento e intensificação da relação STUR/STUF.
	<ul style="list-style-type: none"> - polo moveleiro com 53 empresas e diversas pequenas indústrias (olarias, polpa de frutas, sorvetes, etc) 	- abastecimento local e pequena exportação para Manaus
	<ul style="list-style-type: none"> - três entrepostos pesqueiros/ frigoríficos de médio porte; - presença de Colônia e sindicato de pescadores 	<ul style="list-style-type: none"> - Absorve pescado de toda sub-região; barcos pesqueiros atingem o Baixo Solimões. - empresas exportadoras de peixes filetados para o sudeste.
	<ul style="list-style-type: none"> - significativa presença da carpintaria naval em 6 pequenos estaleiros. - 5 pequenas empresas de embarcações pequenas de alumínio 	- escala local / manutenção da navegação doméstica no STUR e STUF

Fonte: Bartoli (2020c) adaptado

Patrimônio Territorial Situacional

Nesse sentido, a ausência de agregação de valor aos produtos exportados no baixo Amazonas merece atenção urgente como no caso do pescado, madeira e guaraná (BARTOLI, 2017; 2019a; 2021; BARTOLI, PINHEIRO, 2022). A capacidade de ordenamento das relações territoriais das cidades fica comprometida pela ausência de planos de manejo e de fiscalização das atividades pesqueira e madeireira. Os conflitos e territorialização da atividade pesqueira foram relatados em Bartoli (2019b). Portanto, as cidades do entorno de Parintins, apesar de pequenas, são responsáveis por influenciar o ordenamento territorial de áreas municipais imensas, que muitas vezes ocorre por subsistemas territoriais geradores de impactos ambientais, afetando a dimensão socioecológica que se assenta o patrimônio territorial configurado em longa evolução.

Quanto à dimensão social, as experiências organizacionais em cooperativas são tímidas e pouco numerosas, mas existentes. Realizam saltos escalares que propiciam maior interação com a rede urbana regional e nacional/global (quadro 1). O caso do Consórcio indígena Sateré-Mawé é um dos exemplos de reterritorialização a partir das práticas espaciais construídas no ambiente urbano (BARTOLI, 2015).

A necessidade das transações comerciais e a imposição do valor de troca não anulam as vivências ribeirinhas e a espontaneidade das apropriações e práticas espaciais dos sujeitos que animam o STUR. Populações tradicionais passam a usar os espaços das cidades, mantendo certos aspectos e traços culturais ribeirinhos reconstruídos e/ou adaptados ao meio urbano. Mas nota-se a intensificação do processo de urbanização que se reproduz localmente pela interação STUR/STUF, que se manifesta

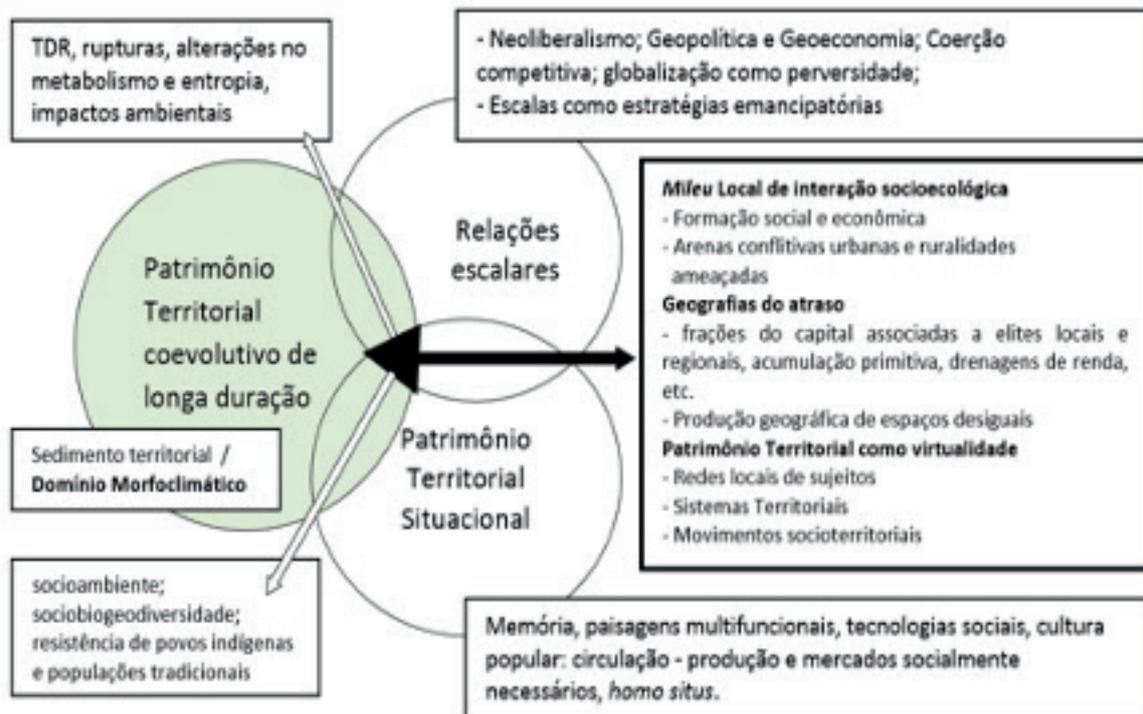
Nos avanços das discussões do ProPAT que compõem um dossiê¹⁰ (DALLABRIDA, 2022), lacunas analíticas surgem devido às grandes disparidades regionais, e que serão discutidas nas pesquisas iniciadas sobre a microrregião de Parintins. Tais aprofundamentos para análise em regiões de baixa dinâmica econômica (mas com alta sociobiogeodiversidade), necessitam considerações sobre esferas interativas que possibilitam apreender lógicas de ordenamento do território considerando o movimento contraditório e eivado de conflitos (figura 2).

Ao se propor refletir sobre o Patrimônio Territorial coevolutivo de longa duração, desde o Holoceno (11 mil anos A.P.) a etnodiversidade tem sido capaz de criar um

10 Dossiê Patrimônio Territorial: <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/issue/view/73>

acervo de plantas domesticadas cuja eficiência produtiva de medicamentos e alimentos foram determinantes na construção de sociedades complexas antecedentes à invasão europeia (CAVALCANTE; FRIKEL, 1973). A influência humana resultou no redesenho da natureza pela intervenção da cultura interferindo na evolução da floresta (RIBEIRO, 1990), propiciando soberania em relação à manutenção alimentar de sua população (CLEMENT; JUNQUEIRA, 2008). O processo de invasão colonial violento posterior ao século XVI introduziu mudanças drásticas nas lógicas espaciais das populações autóctones através do etnocídio, da escravização, e destruição de vínculos territoriais a partir de estratégias variadas e continuadas entre os séculos XVII e XVIII: descimentos, tropas de resgates, guerras justas ou implantação dos Diretórios indígenas (PACHECO DE OLIVEIRA, 2006). Com esse processo de desterritorialização e rompimento da longa trajetória humana coevolutiva, o processo urbano induziu aceleração na modificação da configuração territorial, mas alcançando poucas modificações de dinâmicas econômicas capitalistas pujantes até o século XIX.

Figura 2 – Esferas interativas para análise do Patrimônio Territorial Situacional



Fonte: Organizado pelo autor (2023)

A ideia das esferas interativas e co-evolutivas pode ser complementada pelo fato de que as dinâmicas sub-regionais possuem condicionantes do substrato (i)material herdado (sedimento territorial), surgindo formas híbridas de arranjos territoriais. Harvey (2011) argumenta que esferas de atividades são compostas na trajetória evolutivas do capitalismo: relações sociais; arranjos institucionais e administrativos; tecnologia e formas de organização; processos de produção e de trabalho; reprodução da vida cotidiana e da espécie; concepções mentais do mundo e relações com a natureza. Para o autor, as esferas coevoluem na evolução histórica do capitalismo de formas distintas, onde o desenvolvimento desigual entre as esferas e no conjunto delas produz contingências, bem como tensões e contradições (de forma bastante parecida com as mutações imprevisíveis que produzem contingências na teoria Darwiniana).

Para interpretar a cidade enquanto milieu (nódulo estratégico e complexo multidimensional), que ordena o arranjo territorial, é imprescindível o entendimento da materialidade que os sistemas territoriais configuram (incluindo a relação com sítio, geomorfologia e morfologia urbana), quanto aos aspectos relacionais e organizacionais.

Da mesma forma, torna-se objeto para aprofundamentos de estudos futuros a análise de diversas configurações de “geografias do atraso”, onde a manutenção do poder está relacionada às frações arcaicas do capital mercantil e existências de redes ilícitas. Contrastando com formas de circulação alienadas no interior da relação STUR/STUF, há circulação necessária dos sujeitos do STUR. Essa interação é útil para entender a ocupação das vastas porções do território sob influência das cidades, tradicionalmente dominadas por elites conservadoras ligadas à permanência de estruturas de exclusão e pobreza. Desvendar os mecanismos da manutenção de posições político-econômico privilegiadas e reconstrução de formas de acumulação primitiva e suas formas derivadas (OLIVEIRA, 2003). Isso requer maior diálogo com teorias sobre a existência de movimentos socioterritoriais e sociespaciais, úteis no entendimento dos aspectos conflituais que compõem o movimento dialético entre cidade/campo, rural/urbano (FERNANDES, 1999, 2005; PEDON, 2009; SOBREIRO FILHO, 2016).

Pela fragilidade econômica dos municípios, uma das lacunas explicativas para entendimento da dinâmica das cidades estudadas, seria investigar até que ponto a “cultura herdada” de ciclos econômicos passados compõem o movimento atual de desterritorialização contínuo, que enquanto componente da acumulação primitiva permanente (BRANDÃO, 2010) veio se redesenhando sem cessar até a atualidade. Compondo a dinâmica cidade-

território-região, situação dos diversos subsistemas são condições de contexto são efetivadas por territorialidades das redes de sujeitos locais. A situação moldada em função das técnicas, das estruturas econômicas e sociais e dos sistemas de relações faz do milieu urbano mediador principal por conter condições para a ação.

A análise de aspectos mais funcionais dos circuitos relacionais entre os espaços rurais e urbanos que formam continuidades passíveis de serem cartografadas em escalas que propiciem maior detalhes. Entendimento das diversas redes de natureza e temporalidade que se justapõem, como as redes sociais, as redes de solidariedade, o sedimento territorial (base física) e novas formas de organização, devem servir como base para desvendar as complexidades dos sistemas territoriais. Exemplo das dinâmicas das famílias nas cidades e interiores: a análise das práticas espaciais e a capacidade de abertura ou fechamento operacional dos sistemas evolutivos devem considerar diversas modalidades de estratégias que redes de sujeitos constroem. As relações com o espaço intraurbano ou rural variam na intensidade assim como as relações multiescalares. De acordo com a capacidade de resistência, politização e autonomia dos sujeitos, pode ocorrer uma adaptação ou não das possibilidades de interpretação dessas “novidades” como recurso (MACHADO, 2003; 2005).

Análise do uso das embarcações nos fornece indicações multidimensionais das territorialidades dos sujeitos do STUR: não se restringem ao transporte de produtos regionais, pesca, produção agrícola, etc., mas cumprem função de moradia¹¹, sendo ainda lócus de relações sociais amplas ou familiares. No que tange ao papel de drenagem de renda e exploração de recursos, a enorme quantidade de madeira ilegal e pescado transportados para as cidades foram os elementos mais preocupantes encontrado nas pesquisas sobre os fluxos de embarcações do STUR. Salienta-se que grande parte dessa madeira cumpre uso social na construção de moradias, embarcações populares, cercas e móveis (BARTOLI, 2019a), compondo recurso estratégico da manutenção da vida urbano-ribeirinha.

Considerações Finais

Grande parte da literatura sobre desenvolvimento territorial está mais preocupada para análise de aspectos econômicos vinculados ao paradigma da competitividade capitalista.

Urge a necessidade de repensar cidades ribeirinhas de dinâmicas fluviais da Amazônia em

¹¹ Em diversos textos temos salientado como as embarcações têm internalizado diversas contradições do processo urbano, alterando suas formas, somando funções e possuindo outras intencionalidades. No canal do YouTube do Núcleo de Estudos Territoriais da Amazônia (NETAM) o documentário Vivendo em barcos apresenta resultados de pesquisas sobre esses aspectos: <https://www.youtube.com/watch?v=Vj6Pss9UwRs>

seus contextos situacionais urbano-regionais, que entendidos como sistemas abertos, nos possibilite pensar em estratégias transescalares na valorização do milieu urbano.

O enfoque sobre as metodologias para análise do Patrimônio Territorial considerando o material-cultural local enquanto carga genético-evolutiva das relações de longa duração (recurso específico), é elemento central entre autores de algumas vertentes da chamada abordagem territorial (MAGNAGHI, 2010; DEMATTEIS, 2005). Mas, na possível busca do desenvolvimento territorial, deve-se evitar erros em pesquisas de não se considerar suficientemente o entrecruzamento que se estabelece entre território e práticas sociais dominantes e as subalternas, ou mesmo cair em mitos e simplificações localistas, como salienta Brandão (2007), que minimizam os conflitos políticos e econômicos locais, desconsiderando a tensão advinda da estrutura das classes sociais e do ambiente macro econômico.

Desafio maior perpassa no entendimento de que cidades são sistemas abertos passíveis de trocas de energia, informação e matéria, vinculados a aspectos coevolutivos junto ao sistema mais amplo (formando o milieu urbano). A valorização “genético-evolutiva” do território local permite entender a variedade de opções elementares para o desenvolvimento territorial.

O desafio para análise das permanências de padrões de drenagem de renda cada vez mais dinamizados por dinâmicas inter-regionais, deve considerar as mediações de cidades funcionando para além de simples bases logísticas. Desvendar o funcionamento das lógicas espaciais dinamizadas por Sistemas Territoriais multidimensionais de dinâmicas transescalares tem mostrado resultados promissores como na análise proposto no modelo STUR.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa de Gratificação por Produtividade Acadêmica (GPA) desenvolvido pela Universidade do Estado do Amazonas pela bolsa concedida (portaria Nº 387/2022 - GR/UEA), projeto Patrimônio Territorial, Sistemas Territoriais e os Papéis das Cidades para o Desenvolvimento Territorial de Parintins (AM) e sub-região.

REFERÊNCIAS

- BARTOLI, E. Ações Indígenas Sateré-Mawé na Cidade de Parintins (AM) e a Formação de Sistemas Locais Territoriais Urbano-Ribeirinhos. In: Anais Simpósio Nacional de geografia Urbana (SIMPURB), CD-room. Fortaleza: UFCE, 2015.
- BARTOLI, E. O Retorno ao Território a partir da cidade: Sistemas Territoriais Urbano-Ribeirinhos em Parintins (AM). 2017. Tese de Doutorado - Presidente Prudente: PPGG / UNESP, 2017.
- BARTOLI, E. Cities in the Amazon, Territorial Systems and the Urban Network. *Mercator*, v. 17, e17027, p. 1-16, 2018a.
- BARTOLI, E. Entre o Urbano e o Ribeirinho: Territorialidades Navegantes e Sistemas Territoriais em Parintins (AM). *Espaço Aberto*, PPGG - UFRJ, Rio de Janeiro, v. 8, n.2, p. 169-185, 2018b.
- BARTOLI, E. Cidades Pequenas na Amazônia e Ordenamento Territorial: Redes de Sujeitos Locais e as Redes Urbanas de Uruará (AM) e São Sebastião do Uatumã (AM). *Geoiंगा: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá*, v. 12, n. 1, p. 80-105, 2020a.
- BARTOLI, E. Cidades pequenas na Amazônia: sítio, situação e sistemas territoriais de Barreirinha (AM). *Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)*, nº 19, p. 132-157, 2020 b.
- _____. Cidades na Amazônia: Centralidades e Sistemas territoriais na sub-região do Baixo Amazonas (AM). *Revista Espaço e Economia*, v. 20, p. 1-21, 2020c.
- BARTOLI, E. Funções Urbanas na Faixa de Fronteira Amazônica: Centralidade de Nhamundá (AM) e seus Sistemas Territoriais. *Geografia em Questão*, v. 14, p. 117-139, 2021.
- BARTOLI, E.; SERRÃO, A. M. Periodização Econômica, Espaço Intraurbano e Sistemas Territoriais de Uruará (AM). *Revista Geoamazônia*, v. 8, p. 214-235, 2021.
- BARTOLI, E. MARQUES, R. Morfologia e Geomorfologia Urbana: sistemas territoriais e as margens fluviais em Parintins (AM). *Revista Geografia e Pesquisa, Ourinhos*, v. 13, n. 2, p. 44-58, 2019.
- BRANDÃO, C. Territórios com classes sociais, conflitos, decisões e poder. In: ORTEGA, A. C.; FILHO, N. A. *Desenvolvimento territorial, segurança alimentar e economia solidária*. Campinas: Alínea, 2007b. p. 1-25.
- BRANDÃO, C. Acumulação primitiva permanente e desenvolvimento capitalista. In: ALMEIDA, A. W. de. Et al. (orgs). *Capitalismo Globalizado e recursos territoriais*. Lamparina: Rio de Janeiro, 2010. p. 39-69.
- CAVALCANTE, P. B. FRIKEL, P. A. *Farmacopéia Tiryó / Estudo Etno-botânico*. Belém: Gráfica Falangola Editora LTDA, 1973.
- CLEMENT, C. R.; JUNQUEIRA, A. B. *Plantas domesticadas, uma história fascinante*. São Paulo: Duetto Editorial, 2008 (Coleção Amazônia Origens).
- DALLABRIDA, V. R. Território e Governança Territorial, Patrimônio e Desenvolvimento Territorial: estrutura, processo, forma e função na dinâmica territorial do desenvolvimento. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 16, n. 2, p. 63-78, mai-ago/2020.
- DALLABRIDA, V. R. Abordagem Territorial do Desenvolvimento e o desafio de um instrumental metodológico multidimensional: apresentação de dossiê. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v.18, n. 1, p. 3-7, jan-abr/2022.
- BÜTTENBENDER, P. L.; BARTOLI, E. MENEZES, E. C. DE. O. ZAMBERLAN.; C. O. COVAS, A. M. A.; HENZEL, M. E.

Abordagem Territorial do Desenvolvimento: Referências Teórico-Metodológicas da Dimensão Produtiva. Revista Brasileira De Gestão e Desenvolvimento Regional, v.18, n. 1, p. 23-38, jan-abr/2022.

DEMATTEIS, G. Il sistemi territoriali in un'ottica evoluzionista. In: DEMATTEIS G.; GOVERNA, F. (orgs.). Territorialità, sviluppo locale, sostenibilità: il modello Slot. Milano: Angeli, 2005. p.15-38.

DEMATTEIS, G.; GOVERNA, F. (orgs.). Territorialità, Sviluppo Locale, sostenibilità: Il modello SLoT. Roma: Franco Angeli, 2005.

FERNANDES, B. M. Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro: Formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST 1979-1999. 326 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. Revista NERA, Presidente Prudente, ano 8, n. 6, p. 14-34, jan-jun. 2005.

OLIVEIRA, F. Crítica a Razão Dualista / O Ornitorrinco. São Paulo: Boitempo, 2003.

MACHADO, L. O. Região, Cidades e Redes Ilegais: geografias alternativas na Amazônia Sul-Americana. In: GONÇALVES, Maria Flora; BRANDÃO, C. (Orgs.). Regiões e Cidades: cidades nas regiões. São Paulo: Edunesp, 2003.

MACHADO, L. Sistemas e Redes Urbanas como Sistemas Complexos Evolutivos. In: CARLOS, A. F. A. LEMOS, A. G. Dilemas Urbanos. São Paulo: Contexto, 2005. p. 129-135.

MAGNAGHI, A. Montespertoli: le mappe di comunità per lo statuto del território. Firenze: Alinea, 2010.

MARQUES, R. O.; BARTOLI, Estevan. Morfologia Urbana da Cidade de Barreirinha (AM) e Sistemas Territoriais: uma proposta metodológica. Geografar - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR, v. 15, p. 336-357, 2020.

PACHECO de OLIVEIRA, J. A presença indígena na formação do Brasil. Brasília: Ministério da Educação, 2006

PEDON, N. R. Movimentos Socioterritoriais: Uma Contribuição Conceitual à Pesquisa Geográfica. 235 f. Teses (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2009.

RAFFESTIN, C. Por Uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. SILVEIRA, M. L. Brasil: território e sociedade no limiar do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOBREIRO FILHO, J. Contribuição à construção de uma teoria geográfica sobre movimentos socioespaciais e contentious politics: produção do espaço, redes e lógica racionalidade espaço-temporal no Brasil e Argentina. 440 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2016.